

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 166 | Volume 20 | 2023

**O cristianismo e a revelação de Deus  
em tempos de irrelevância cristã**

Francesco Cosentino

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 166 | Volume 20 | 2023

**O cristianismo e a revelação de Deus em  
tempos de irrelevância cristã**

**Francesco Cosentino**

Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia

Universidade Gregoriana - Roma

Tradução de Moisés Sbardelotto



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 166 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** Pxhere

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** Moisés Sbardelotto

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã

Francesco Cosentino

Doutor em Teologia Fundamental pela  
Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma

**E**m muitas áreas do mundo hoje, assistimos a uma profunda crise da experiência cristã, pelo menos nas formas em que a conhecemos. O cristianismo perdeu sua vitalidade, seu vigor, sua força de atração, e, cada vez mais progressiva e transversalmente na vida das pessoas do nosso tempo, a experiência da fé se encontra em uma posição minoritária, marginal ou até parece ausente. O dado visível é que hoje “a Igreja está em crise [...] no coração das comunidades cristãs aflora um visível desconforto, que vem de longe, tem múltiplas motivações e se manifesta de diversos modos”<sup>1</sup>. Muitas pessoas costumam a integrar a palavra libertadora do Evangelho nos desafios cotidianos de sua existên-

<sup>1</sup> SALVARANI, B. *Senza Chiesa e senza Dio. Presente e futuro dell'Occidente post-cristiano*. Bari-Roma: Laterza, 2023, p. IX.

cia; muitos abandonaram a fé, por apatia e indiferença à pergunta sobre Deus; outros se afastaram da Igreja, foram feridos ou simplesmente não se encontram mais nela, embora conservando talvez um certo senso de Deus.

Parece que Deus foi simplesmente “liquidado” e posto às margens da vida e da sociedade, enquanto vão se apagando a inquietação religiosa e o interesse pela pergunta sobre Deus<sup>2</sup>. E, em tal contexto social e cultural definido por muitos como pós-cristão<sup>3</sup> e ao mesmo tempo pós-ateu<sup>4</sup>, podemos assumir como nossas as palavras de Paul Tillich: “O que me preocupa mais profundamente nestes últimos anos é a questão: a mensagem cristã (especialmente a pregação cristã) ainda é relevante para as pessoas do nosso tempo? E, se não é, qual a causa? E isso se reflete na mensagem do próprio cristianismo?”<sup>5</sup>

Eis, então, as nossas interrogações: como falar de Deus no tempo da ausência de Deus? Como captar hoje a revelação de Deus no tempo da irrelevância cristã? Ainda é possível dizer Deus hoje, em um mundo ao qual ele se tornou estranho ou indiferente? A Palavra de Deus plenamente manifestada em Jesus ainda é relevante às mulheres e aos homens de hoje e à sua existência? Ou, com as palavras de Rahner: “No fundo, nós queremos apenas refletir sobre esta simples pergunta: ‘ser cristão’ com honestidade intelectual?”<sup>6</sup>

2 Cf. DE LUBAC, H. *Sulle vie di Dio*. Milão: Jaca Book, 2008, p. 87.

3 Cf. PAULAT, É. *L'era post-cristiana. Un mondo uscito da Dio*. Turim: SEI, 1996.

4 Cf. VERNETTE, J. *L'ateismo*. Milão: Xenia, 2000, p. 1.

5 TILLICH, P. *L'irrelevanza e la rilevanza del messaggio cristiano per l'umanità di oggi*. Brescia: Queriniana, 2021, p. 31.

6 RAHNER, K. *Corso fondamentale sulla fede. Introduzione al concetto di cristianesimo*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1990, p. 19.

## DO BOM USO DA CRISE. UMA LEITURA TEOLÓGICA

Levar a sério essas interrogações significa, acima de tudo, não negar a crise, mas, ao contrário, interpretá-la como uma passagem “decisiva”, um tempo oportuno, um *kairós*, uma possibilidade de transformação do cristianismo.

A esse propósito, é interessante o que afirmou o abade beneditino Martin Werlen por ocasião da abertura do Ano da Fé, durante uma conferência que depois foi publicada com o evocativo título *Fogo debaixo de cinzas*. Disse ele: “Mesmo onde há tantas cinzas, ainda pode haver brasas por baixo, e o fogo pode ser reavivado. Também na Igreja nunca devemos esquecer isso”<sup>7</sup>. Algum tempo depois, ao ser entrevistado sobre o pequeno livro que contém essa conferência, ele afirmou: “Onde algo desmorona, no fim se encontram carvões ardentes”.

Esse é o grande desafio para nós hoje: buscar, sem nos cansar e com esperança, o fogo ardente que foi submerso pelas cinzas, aquele Evangelho vivo que pode renascer precisamente se algo morrer, precisamente por meio da crise. Não é fácil essa leitura teológica da crise, que nos convida a encontrar a lição escondida, a mensagem que o próprio Deus quer nos comunicar na crise; em um livro mais recente, Warlen afirma que isso é muito difícil:

Sempre somos tentados a manter as fachadas reluzentes, sobretudo quando algo podre se esconde atrás delas. A Igreja também sabe disso. Mas assim acabamos em um mundo aparente. As fachadas impressionam do lado de fora, mas muitas vezes o vazio absoluto

---

7 WERLEN, M. *Fuoco sotto cenere*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2013, p. 17.

reina atrás delas. Uma olhada nos bastidores leva muitos a se despedirem da Igreja. Por isso, é importante que, como Igreja, não nos especializemos no cuidado das fachadas, mas na vida que está atrás delas.<sup>8</sup>

Será importante, então, entrar na crise com um olhar de fé e aproveitá-la como um convite à mudança. A crise, de fato, “nos faz sair do habitual, do tranquilizador e do repetitivo, nos obriga a tomar consciência da realidade e a sair das ilusões”<sup>9</sup>. Como afirmou o Papa Francisco, “em toda crise, sempre há uma justa exigência de atualização”<sup>10</sup>.

Mais importante do que a crise, portanto, é a pergunta com que nos colocamos diante dela. Como nos colocamos perante a crise? Como está a nossa fé diante da crise? Qual é a mensagem que a crise traz consigo? Que lição podemos tirar para a nossa relação com Deus, para o nosso modo e estilo de ser Igreja, para a nossa espiritualidade?<sup>11</sup>

---

8 WERLEN, M. *Dove andremmo a finire*. Magnano: Qiqajon, 2022, p. 49.

9 MANICARDI, L. “Quando i giorni sono cattivi” (Ef 5,16). Lettura biblicospirituale della crisi. Reggio Emilia: Aliberti, 2010, p. 21. Ver também o que escreveu a escritora francesa Christiane Singer, segundo a qual as crises às vezes chegam à nossa vida para nos evitar o pior, isto é, para nos livrar de uma vida sem paixão e sem naufrágios, que permanece nos pântanos da superficialidade, cf. C. SINGER, *Du bon use des crises*. Paris: Albin Michel, 1996, p. 41.

10 PAPA FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre aos Membros do Colégio Cardinalício e à Cúria Romana por ocasião da apresentação das felicitações de Natal*, 21 de dezembro de 2020.

11 Remeto a F. COSENTINO, *Quando finisce la notte. Credere dopo la crisi*. Bolonha: Dehoniane, 2021.

## UM DEUS “NAS FRONTEIRAS”<sup>12</sup>

Fazermos-nos essas perguntas significa, sobretudo, sermos capazes de nos situar ao longo das fronteiras, na fronteira, no limiar: precisamos de uma teologia que, com hospitalidade e espírito crítico, estabeleça seu domicílio junto à crise de fé do nosso tempo. Utilizando a frase que o teólogo alemão Wandenfels usa a propósito do teólogo fundamental, podemos dizer que o fiel, sobretudo nestes tempos, deve ser alguém que está no limiar:

Quem está no limiar se encontra, por assim dizer, dentro e fora ao mesmo tempo. Ouve os argumentos dos que estão em frente à porta e dos que estão em casa. Porém, o que ele traz em seu coração é a entrada na casa. Por um lado, ele assume aquilo que as pessoas de fora sabem e veem – no campo da filosofia, das ciências históricas e sociais –, aquilo que elas pensam de Deus, de Jesus de Nazaré e da Igreja, de si mesmas, do mundo e da sociedade em que vivem. Por outro lado, ele se apresenta com o saber que vem de dentro como um convite a todos os que estão dentro e fora.<sup>13</sup>

Ficar na fronteira, portanto, considerando a beleza do paradoxo cristão: por um lado, de fato, Deus foi posto nas fronteiras, pelo menos no mundo ocidental; por outro lado, é a própria Revelação cristã que nos situa junto à “fronteira”. O Deus de Jesus Cristo, em quem nós cremos e a quem professamos, é de fato o Deus que deixou os céus para cruzar o limiar da his-

<sup>12</sup> O parágrafo seguinte aborda um tema cujo desenvolvimento mais completo se encontra em F. COSENTINO, *Dio ai confini. La rivelazione di Dio nel tempo dell'irrelevanza cristiana*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2022.

<sup>13</sup> A metáfora está em H. WALDENFELS, *La teologia fondamentale nel contesto del mondo contemporaneo*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1996, p. 101-102.



tória, superando as “fronteiras”, saindo de si mesmo, vindo Ele por primeiro habitar os confins mais frágeis da nossa existência, sem medo de sujar as mãos, sem permanecer distante por temor de “perder” sua divindade imaculada; pelo contrário, como afirma Paulo, Ele se despojou de si mesmo (Fl 2,7) para se abaixar ao ponto mais baixo da nossa humanidade ferida. Um Deus que atravessa as fronteiras, supera os limites, abate as distâncias, um Deus que em Jesus se faz próximo e passa para curar e beneficiar a nossa vida, fazendo-nos descobrir que cada fronteira e limite da nossa vida é também um limiar que nos leva além, porque é um lugar por onde Deus passa e opera.

Essa abordagem teológico-pastoral nos convida a pensar Deus e a falar d’Ele de modo novo e encarnado, além de delinear um novo rosto da Igreja que, como afirma o Papa Francisco, deve ser “em saída”, isto é, superar os esquemas tradicionais, ultrapassar os limites de um cristianismo convencional.

Nessa perspectiva, é preciso ter em mente a mudança da nossa época na direção pós-moderna, que despedaçou os “grandes relatos” em favor da multiplicidade das perspectivas, das experiências e das visões de vida: cada um encontra seu próprio sentido movendo-se dentro de experiências e interpretações diversas, ou seja, a própria existência humana é um contínuo ir, explorar, viajar e percorrer os caminhos da precariedade. O ser humano pós-moderno caminha sem mapas de orientação, sem bússolas pré-definidas, sem apelar para normas, ideais ou instituições de verdade; é um viandante, que “adere de vez em quando às paisagens que encontra”<sup>14</sup>. Não por acaso, fala-se hoje de um

14 GALIMBERTI, U. *La casa di psiche. Dalla psicanalisi alla pratica filosofica*. Milão: Feltrinelli, 2005, p. 426.

“nomadismo identitário”<sup>15</sup>, e alguns chegaram até a afirmar que o nosso século é *o século nômade*<sup>16</sup>. Mas tal dimensão também é típica do cristianismo. De fato, o nosso cristianismo é um *cristianismo nômade*<sup>17</sup>, do qual Abraão é uma figura emblemática. A história bíblica e o pacto de aliança entre Deus e seu povo atestam justamente a passagem de um Deus imóvel, distante, pensado em uma estabilidade metafísica, a um Deus que se põe a caminho rumo ao ser humano, pedindo-lhe que deixe também sua terra e caminhe na história. Um Deus que se mostra peregrino, viandante e nômade em seu Filho, que “não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8,20).

Trata-se, pois, de imaginar um cristianismo da carne, de rosto não rígido, despojado da pretensão de ter resposta para tudo e, em vez disso, capaz de acompanhar, escutar, abençoar, suscitar a inquietação da busca, ajudar no *atravessamento de lugares* da vida, oferecendo leituras e releituras.

Por outro lado, isso nos é sugerido pelo evento cristão por excelência, isto é, pela história de Jesus, que representa uma verdadeira “ruptura”, um “deslocamento”, um convite a sair dos limites estreitos de uma religiosidade que aprisiona Deus e mortifica o ser humano. Quando Jesus inicia Sua missão, proclama as bem-aventuranças, toca os doentes, ceia com os peca-

---

15 MAFFESOLI, M. *Del nomadismo. Per una sociologia dell'erranza*. Milão: Angeli, 2000.

16 VINCE, G. *Nimad Centery*. Nova York: Flation Books, 2022.

17 Cf. G. LORIZIO, *Le frontiere dell'amore. Saggi di teologia fondamentale*. Cidade do Vaticano: Lateran University, 2009, p. 57-95. Não menos fascinantes são as sugestivas reflexões de Mazza sobre uma possível “teologia da errância”. Cf. G. MAZZA, *La liminalità come dinamica di passaggio. La rivelazione come struttura osmotico-perforativa dell'inter-esse trinitario*. Roma: Gregoriana, 2005, p. 680-682.

dores, prefere os samaritanos aos devotos no templo, rompe as barreiras, ultrapassa as fronteiras, inaugura uma profunda transgressão que põe novamente em discussão, até mesmo com uma notável dose de ironia, as máscaras da hipocrisia e o moralismo obtuso de uma certa religiosidade:

A palavra de Deus proferida por Jesus despe-se a adúltera e denuncia seus apedrejadores. Radicaliza e alivia a lei de Moisés em favor das mulheres. O gesto de Deus, realizado por Jesus, liberta do mal: não levanta pedras contra o leproso, mas levanta o chicote contra os mercadores do templo. Perdoa os pecados e rompe o sábado; promete o inferno para quem diz “estúpido”, mas se deixa beijar por uma “pecadora”.<sup>18</sup>

Jesus transgride e supera o limite imposto pela religião que, muitas vezes, preocupada com a observância dos preceitos, negligencia o amor ao ser humano, a ponto de viver a experiência-limite por excelência, isto é, a morte de Cruz. Portanto, precisamos de uma teologia de fronteira, que habita a fronteira, para anunciar novamente e de modo novo o Deus de Jesus.

## FRONTEIRAS A CRUZAR: DESAFIOS PARA UM CRISTIANISMO RENOVADO

Que fronteiras é preciso cruzar, portanto, para a teologia de hoje e para dizer Deus de modo novo no nosso tempo? Tentarei apenas abrir janelas sobre alguns grandes temas, oferecendo algumas provocações, convidando-os naturalmente a voltar a elas e a refletir sobre elas, porque se trata de temáticas a serem aprofundadas.

---

18 SEQUERI, P. *Il Dio affidabile*. Brescia: Queriniana, p. 228-229.

1) *Interpretar a secularização*. Apesar de um certo retorno da religião, o horizonte em que nos movemos é o de uma era secular, mas, como afirma Charles Taylor – que certamente é o maior estudioso do assunto –, devemos nos perguntar “em que consiste essa ‘secularidade’”.<sup>19</sup> De fato, muito frequentemente permanecemos prisioneiros de uma leitura sociológica do fenômeno da secularização, isto é, lemo-lo em termos de crise numérica e de perda da relevância social, política e pública da fé. No entanto, a abordagem sociológica é redutora, porque se detém no nível das mudanças visíveis da sociedade, mas não consegue ir além e captar o que a secularização produziu no mundo mais profundo da interioridade, isto é, na sensibilidade espiritual dos nossos contemporâneos.

Em sua prestigiada obra *Uma era secular*, Taylor afirma que é preciso refletir sobre as condições interiores de possibilidade da fé: ou seja, o que mudou são as condições de credibilidade, aquelas condições que tornam possível ou impossível crer. Taylor chama isso de “o contexto de compreensão dentro do qual ocorrem a nossa experiência e a nossa busca moral e espiritual ou religiosa”<sup>20</sup>, ou seja, aquele pano de fundo implícito e aquele mundo interior no qual cada um de nós dirige sua própria busca por significado e por uma vida plena, em uma direção ou em outra. Podemos dizer que Taylor tenta deslocar o debate sobre a secularização dos aspectos externos, sociais e visíveis para aquelas mudanças mais interiores e profundas que dizem respeito à sensibilidade dos nossos contemporâneos e a seu “imaginário”<sup>21</sup>, afirmando

19 TAYLOR, C. *Letà secolare*. Milão: Feltrinelli, 2009, p. 8.

20 *Ibid.*, p. 12.

21 Cf. a reflexão de M. P. GALLAGHER, “La critica di Charles Taylor alla secolarizzazione”, *La Civiltà Cattolica* IV (2008).

que tanto a fé quanto a secularização têm muito a ver com os desejos ocultos, as esperanças profundas e, por isso, com “os modos como imaginamos a nossa vida”<sup>22</sup>. Este é o ponto nodal da crise: as linguagens e os símbolos da fé cristã são percebidos como velhos, irrealis, em alguns casos opressivos, contrários à liberdade, à realização humana, ao modo como o ser humano contemporâneo imagina a própria existência.

O desafio, então, é verificar e rever essas formas e essas linguagens tradicionais da fé: enquanto, de fato, algumas formas religiosas se decompõem, o cristianismo pode buscar e imaginar novas formas, novos modos de existir, novas encarnações da fé e da espiritualidade. Nesse sentido, o fim da cristandade e os processos de secularização não marcam o fim do cristianismo, mas podem representar o início de sua mudança, de sua transfiguração<sup>23</sup>, postulam sua mudança, sua transfiguração.

2) *Repensar Deus*. Isso significa que a mudança deve afetar também o modo como falamos de Deus e o apresentamos, porque, como afirma Metz, “a crise se tornou uma *crise de Deus*”<sup>24</sup>. Isto é, imersos no clima da ausência de Deus, “já não há mais grandes ateísmos; no tempo da crise de Deus, o próprio ateísmo tornou-se banal [...] Assim, o ateísmo de hoje ainda pode manter Deus em seus lábios – o Deus posto de lado ou o Deus abandonado – sem verdadeiramente se referir a Ele”<sup>25</sup>. Portanto, a crise profunda que o cristianismo atravessa

---

22 GALLAGHER, M. P. *Mappe della fede. Dieci grandi esploratori cristiani*. Milão: Vita e Pensiero, 2011, p. 142-143.

23 Cf. T. HALÌK, *Pomeriggio del cristianesimo*. Milão: Vita e Pensiero, 2022. Em particular, ver p. 5-14 e 61-80.

24 METZ, J. B. *Memoria passionis. Un ricordo provocatorio nella società pluralista*. Brescia: Queriniana, 2009, p. 73.

25 Idem.

exige novas conceitualidades, novas linguagens, novas abordagens sobre a questão de Deus.

Se o ateísmo alcançou silenciosamente a camada profunda da consciência e da imaginação do ser humano, a ponto de poder imaginar viver a vida mesmo sem Ele, precisamos nos perguntar o quanto esta também depende do fato de que as linguagens naturais da Igreja e as imagens de Deus veiculadas pelo universo religioso não despertam desejos, esperanças e possibilidades de imaginar a vida de outra forma. Esse continua sendo, ainda hoje, um ponto fundamental da reflexão teológica: trata-se de considerar que, muito frequentemente, a rejeição a Deus ou a indiferença à pergunta sobre Deus depende de uma imagem equivocada e distorcida que o cristianismo e outras religiões fizeram d'Ele. E se trata, portanto, de se encarregar daquelas “crises” de Deus que ocorrem na vida de tantos dos nossos contemporâneos, não sem a responsabilidade das palavras e dos gestos cristãos.

Tal tarefa da teologia – a de libertar Deus das falsas imagens e representações d'Ele – só pode ter resultados positivos se, obviamente, partirmos de Jesus e do rosto de Deus que Ele nos revelou. Quando nos aproximamos de Jesus, de fato, damos-nos conta de que

[...] todas as nossas imagens de Deus (não a sua própria realidade), com efeito, são produtos e projeções humanos, que, como tais, não são capazes de descrever a realidade divina [...] A partir de sua realidade, todas as nossas imagens projetadas sobre Deus são rejeitadas e invalidadas [...] Para os fiéis que praticam, há uma diferença se experimentamos Deus como libertador ou como um pantocrator que conserva a ordem existente.<sup>26</sup>

26 SCHILLEBEECKX, E. *Umanità. La storia di Dio*. Brescia: Queriniana,

A partir de Jesus, e em particular a partir de Sua cruz, temos um verdadeiro *choque teológico* das representações humanas de Deus, que não nos permite mais falar de Deus em sentido metafísico, como um Deus absolutista, monárquico e impassível. Pelo contrário, só se pode falar d’Ele como o Deus fraco, que somente na fraqueza do amor pode elevar e curar a nossa humanidade.

Por isso, podemos nos perguntar com o teólogo holandês Houtepen: “Pode ser possível que precisamente a imagem efetiva de Deus que foi produzida na cultura ocidental seja uma das causas da despedida de Deus?”<sup>27</sup>; se assim for, “o saudável papel da teologia consiste justamente em libertar essas imagens arraigadas de Deus de suas incrustações e em fazer experimentar novamente a pergunta sobre Deus como uma pergunta em aberto, isto é, como uma aventura, uma busca, uma viagem da alma”<sup>28</sup>.

3) *Imaginar uma Igreja sinodal*. Se repensarmos a secularização em termos de possibilidades e nos interrogarmos sobre as falsas imagens de Deus para voltar ao Deus de Jesus, devemos necessariamente nos fazer também a interrogação sobre a Igreja: que estilo de Igreja é preciso hoje? Como a Igreja do futuro pode ser pensada?<sup>29</sup>

Chamada a ser sinal do reino de Deus proclamado por Jesus, a comunidade cristã deve dar testemunho do Deus Amor, que em Cristo se fez próximo de cada

---

2000, p. 106.

27 HOUTEPEN, A. W. J. *Dio una domanda aperta*, p. 58.

28 *Ibid.*, p. 411.

29 É uma das interrogações de Rahner, cf. RAHNER, K. *Trasformazione strutturale della Chiesa come compito e come chance*. Brescia: Queriniana, 1973.

ser humano, na compaixão e na misericórdia. Isso significa que as relações em seu interior – e, conseqüentemente, também em seu exterior – devem ser marcadas pela fraternidade e pela comunhão. E isso exige o reconhecimento da dignidade de cada fiel e a participação na missão de cada batizado, assim como a submissão de todas as diferenças hierárquicas a serviço da única missão e do único Senhor<sup>30</sup>. Inversamente, “uma Igreja que transmite sua verdade – a liberdade libertadora de Jesus Cristo – com estruturas de tipo autoritário ao mesmo tempo a esconde e assume aos olhos de seus fiéis as conotações de uma instituição abstrata e repul-siva”<sup>31</sup>.

Nesse sentido, a forma sinodal da *ecclesia* não é um expediente político-organizacional dos tempos atuais, mas sim a realidade que mais bem expressa a própria natureza da comunhão à qual somos chamados e estamos destinados, e, portanto, é a única forma possível para que a Igreja seja realmente o Povo de Deus a serviço da missão evangelizadora. O Papa Francisco encoraja essa visão eclesial e afirma a esse respeito que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”<sup>32</sup>. O Sínodo e a progressiva promoção das estruturas da vida eclesial em sentido sinodal são uma *forma de Igreja* e representam o *dinamismo de sua missão*, o *estilo* que ela é chamada a assumir no mundo, para que apareça como o lugar onde pode encontrar espaço “a vida concreta das pessoas, onde elas estão, assim como vivem, dentro da cultura em que existem, dentro das misérias que marcam

30 REPOLE, R. *Chiesa*. Assis: Cittadella, 2015, p. 117.

31 SCHILLEBEECKX, E. *Umanità. La storia di Dio*, p. 280.

32 PAPA FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre Francisco na comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015.



sua existência, inclusive aquela miséria desumanizante dada pelo pecado”<sup>33</sup>.

Hoje, precisamos de uma Igreja que encarne o estilo da hospitalidade, que promova a arte do encontro e das relações humanas, que torne acessíveis as linguagens da fé, criativa e audaz ao anunciar a alegria do Evangelho.

4) *Voltar às fórmulas breves da fé.* No tempo da crise, é preciso se despojar e voltar ao essencial. A variada tradição cristã e a riqueza espiritual e doutrinal que se acumulou ao longo dos séculos continuam sendo um precioso patrimônio, mas, em primeiro lugar, diante do esgotamento dos recursos cristãos na estrutura da consciência do ser humano contemporâneo e do desenfreado analfabetismo bíblico-religioso, é preciso hoje a *pedagogia de Emaús*: ficar lado a lado, acompanhar, escutar e depois propor um primeiro anúncio simples, direto, que toque a vida e faça arder o coração. Comeríamos um erro se pretendêssemos derramar sobre o nosso destinatário de hoje, quase de uma só vez, todo o conjunto de palavras, de normas, de ritos, de doutrinas, de usos e de costumes do cristianismo. Para abrir uma via de acesso simples e capaz de envolver o interlocutor, é preciso pensar naquelas que Rahner chamava de *fórmulas breves da fé*, que, com sua imediaticidade, criam uma primeira abertura ao mistério de Deus, imprimem-se no coração e ajudam a receber o essencial da fé<sup>34</sup>.

E trata-se de fórmulas breves que deveriam reavi-

---

33 REPOLE, R. “Ripensare la Chiesa alla luce di *Evangelii gaudium*”. In: REPOLE, R. (org.). *Siamo sempre discepoli-missionari. Quali conversioni per evangelizzare oggi?* Bolonha: EDB, 2017, p. 91.

34 Cf. RAHNER, K. “Per una ‘formula breve’ della fede cristiana”. *Nuovi Saggi* III, Roma: San Paolo, 1969, p. 177.

var e despertar novamente alguma coisa, mostrar que a relação com Deus é uma premissa e uma promessa de vida boa; que a fé tem a ver com a vida cotidiana, com a possibilidade de interpretar seus caminhos e de viver até os seus momentos fatigantes; que o Deus de Jesus é o Deus que cuida da nossa humanidade e pode sustentar e alargar a nossa existência. Rahner afirmava que, muitas vezes, ao anunciar a fé não conseguimos acertar o alvo, somos enfadonhos, temos como Igreja um excesso de exterioridade, não conseguimos fazer com que as pessoas do nosso tempo sintam que a Igreja é sua pátria; e acrescentava:

[...] o verdadeiro núcleo da mensagem da fé, que seria um anúncio feliz e não um sistema complicado de imposições morais, poderia ser transmitido de maneira muito mais viva, alegre e corajosa. É preciso dar o devido peso às normas morais, sem abandoná-las ou calá-las. O que importa é transmitir o anúncio de Jesus sobre o poderoso advento do Reino de Deus e a comunicação que Deus faz de si mesmo em sua glória, de uma maneira muito mais viva, alegre e, gostaria de dizer, divertida do que ocorre tão frequentemente na nossa práxis pastoral tão *azedada*.<sup>35</sup>

O anúncio cristão hoje é chamado a libertar essa experiência fundamental da fé, que nós vemos se condensar em Jesus, apresentando o conteúdo da fé com fórmulas breves: o Deus de Jesus Cristo desejar ir ao seu encontro e lhe acompanhar como “fonte de felicidade, caminho para a vida”<sup>36</sup>.

5) *Libertar o cristianismo*. Tudo isso nos ajuda a libertar um cristianismo que hoje se despedaçou. Certamente, o cristianismo – para usar uma imagem de 35 RAHNER, K. *Confessare la fede nel tempo dell'attesa*, p. 213.  
36 BENOIT, S. *Spiritualità, arte di vivere: un alfabeto*. Milão: Vita e Pensiero, 2007, p. 323.

Michel de Certeau – se despedaçou<sup>37</sup>. Hoje, esta é uma oportunidade para tornarmos o cristianismo mais secular, aberto, motivador, inclusivo, plural, hospitaleiro, acolhedor. E trata-se de sair de um cristianismo que

[...] cai no formalismo e no hábito. Assim como o praticamos, como o pensamos, acima de tudo, é uma religião fraca, ineficaz: religião de cerimônias e de devoções, de ornamentos e de consolações vulgares, às vezes até sem sinceridade, sem um impacto real sobre a atividade humana. Religião que está fora da vida e que põe a nós mesmos fora dela. Foi isso que o Evangelho se tornou nas nossas mãos: foi assim que acabou essa imensa esperança que havia se levantado sobre o mundo [...] Cristianismo clerical, cristianismo formalista, cristianismo apagado e enrijecido.<sup>38</sup>

E, então, nos perguntamos: “Como, portanto, o cristianismo pode atrair a imaginação dos nossos contemporâneos?”<sup>39</sup> O desafio é árduo e exige que se reorganizem em sinergia todos os recursos úteis ao anúncio: visões teológicas, estilos de cristianismo, práxis eclesiais, linguagens e ações pastorais. Tudo deveria se orientar para a *libertação do cristianismo* de tudo aquilo que o contrapôs à vida e difundiu a imagem de uma religião exterior ou fundamentada no cumprimento de deveres morais. Nesse deserto desolado da crise da fé, o Senhor pode renovar e regenerar a terra e ainda nos convoca a fazer pulsar a vida dentro de nós. Mas, como afirma o Papa Francisco:

Urge discernir e encontrar o pulso do Espírito para impulsionar, junto com os outros, as dinâmicas que possam testemunhar e canalizar

37 Cf. o já mencionado M. DE CERTEAU; J.-M. DOMENACH, *Il cristianesimo in frantumì*. Cantalupa: Effatà, 2020.

38 DE LUBAC, H. *Il dramma dell'umanesimo ateo. L'uomo davanti a Dio*. Milão: Jaca Book, 2017, p. 103-104.

39 RADCLIFFE, T. *Accendere l'immaginazione. Essere vivi in Dio*, p. 33.

a vida nova que o Senhor quer gerar neste momento concreto da história. Este é o tempo favorável do Senhor, que nos pede para não nos conformarmos nem nos contentarmos, muito menos nos justificarmos com lógicas substitutivas ou paliativas que impedem de assumir o impacto e as graves consequências daquilo que estamos vivendo. Este é o tempo propício para nos animarmos a uma nova imaginação do possível, com o realismo que só o Evangelho pode nos proporcionar. O Espírito, que não se deixa encerrar nem instrumentalizar com esquemas, modalidades ou estruturas fixas ou caducas, propõe que nos somemos a seu movimento capaz de “fazer novas todas as coisas” (Ap 21,5).<sup>40</sup>

A coragem de *uma nova imaginação do possível*, para além de uma religiosidade reduzida a crença e de uma Igreja às vezes paralisada pela rotina, pelos hábitos e pelo tradicionalismo, é ainda hoje a tarefa a ser levada em frente: por uma nova imagem de Deus, de Igreja e de cristianismo. Para revelar Deus como

[...] um Deus amigo e amante, apaixonado “até ao extremo” por cada ser, servidor humilde de suas criaturas [...] Um Deus que não está em nenhuma religião nem Igreja, porque habita o coração de cada ser humano e acompanha cada ser em sua desgraça; um Deus que sofre na carne dos famintos e dos miseráveis da terra; um Deus que ama o corpo e a alma, a felicidade e o sexo; um Deus que está conosco para “buscar e salvar” aquilo que nós arruinamos e mandamos pelos ares [...] Um Deus que liberta do medo e quer desde agora a paz e a felicidade para todos [...] Um Deus pelo qual seja possível se apaixonar.<sup>41</sup>

40 PAPA FRANCISCO. “Un plan para resucitar. Una meditación”.

*Vida Nueva*, 18-24 de abril de 2020, p. 8-11.

41 PAGOLA, J. A. *Annunciare Dio come buona notizia*. Bolonha: EDB, 2017, p. 37.

## Francesco Cosentino



**F**rancesco Cosentino. Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana com a tese: *Para além da “morte de Deus”: cristianismo, imaginação, imagens de Deus. Para uma resposta teológica ao ateísmo contemporâneo*. É bacharel em Teologia na Pontifícia Universidade Teológica do Sul da Itália (ITC) e funcionário da Congregação para o Clero. Leciona na Pontifícia Universidade Gregoriana. É licenciado em Teologia Fundamental. Algumas publicações e artigos: *Do fim do mundo: o sonho da Igreja do Papa Francisco* (Tau Editrice, 2016); *Incredulità* (Citadella Editrice, 2017); *Fermento na massa: evangelizando a cidade pós-moderna* (com Domenico Cravero) (EMP, 2018). Seus livros mais recentes são: *Non è quel che credi: liberarsi dalle false immagini di Dio* (EDB, 2019); *Quando finisce la notte: credere dopo la crisi* (EDB, 2021); *Dio ai confini: la rivelazione di Dio nel tempo dell’irrelevanza cristiana* (San Paolo, 2022); *Lazarus You Heung-sik: come la folgore viene da Oriente. (Testimoni del nostro tempo)* (com LazarusHeung-sik You) (San Paolo, 2023).

### ARTIGOS DE FRANCESCO COSENTINO REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Os Magos, peregrinos do céu. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [“Escrevo a vocês, amigos padres”. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Ser cristão hoje. Artigo de Francesco Cosentino](#)



- [Martini, a saudável inquietude da Igreja. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Uma Igreja para o futuro: questões e sinais. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [O declínio do cristianismo: possibilidade de um novo começo para a fé cristã? Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Os “não-protagonistas” que mudam a história. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Crer depois da crise: em que Deus acreditamos? Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Uma igreja que sai das igrejas. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Para além da “religião civil” e do “cristianismo burguês”. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [À noite, Deus vem. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Igreja: além do vírus do hábito. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [O dom do tempo presente. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [O vírus, a dor e o silêncio de Deus: quando a oração se torna um grito. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Lateranense: mestrado em “Teologia Interconfessional”. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Um papa incômodo. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Falar sobre Deus. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [A vida e o culto. Artigo de Francesco Cosentino](#)



- [O grito dos pobres e da esperança](#)
- [Acreditar durante e além da pandemia. Artigo de Francesco Cosentino](#)
- [Crise dos padres. Aceitar “a inutilidade”](#)
- [A crise do padre. O medo de “perder o centro”](#)

## EVENTOS COM FRANCESCO COSENTINO NO IHU

- [O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã](#)
- [O declínio do cristianismo: possibilidade de um novo começo para a fé cristã?](#)



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyales Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 "*Gloria Victis - ainda que tarde!*" Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano

 UNISINOS